



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

DISCURSO, POLÍTICA E MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA DIVULGAÇÃO MIDIÁTICA DOS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES DE 2012

Lorena da Silva Santos

Prof. Dr. Carlos Piovezani

Resumo: Esse artigo visa a apresentar certos discursos da mídia nacional e regional sobre a política. Mas precisamente, nosso objetivo é interpretar enunciados midiáticos referentes aos resultados das eleições municipais de 2012 nas cidades de São Paulo e de São Carlos, com vistas de apreender os posicionamentos ideológicos, a produção de seus efeitos de sentido e a construção de sua legitimação.

A opção por eleger a mídia, em especial nas suas relações com a política, deve-se ao fato de que ela consiste, na sociedade brasileira contemporânea, numa das principais esferas sociais de produção e circulação de discursos e, portanto, de construção de dizeres hegemônicos.

Palavras-chave: Discurso; Mídia; Política; Posicionamento Ideológico.

Abstract: This article aims to analyze certain discourses of national and regional media about politics. More precisely, our goal is to describe and interpret mediatic statements concerning the results of the 2012 municipal elections in the cities of São Paulo and São Carlos, in order to infer the ideological positions of the analyzed media outlets, producing effects of meaning and building their legitimacy.

The decision to elect the media, particularly in its relations with politics, is due to the fact that it consists, in contemporary Brazilian society, in one of the main social spheres of production and circulation of discourses and therefore construction of hegemonic sayings.

Keywords: discourse; media; politics; ideological positioning.

Introdução: informações gerais

Em Fazer dizer, querer dizer, Claudine Haroche ([1984] 1992), ao retratar uma história da constituição da subjetividade no Ocidente, focalizando as relações dos sujeitos com a linguagem, em suas relações de força e de sentido, demonstra o deslocamento de uma para outra instituição que predominantemente exerce uma determinação nos pensamentos, ações e dizeres dos indivíduos: se durante a Idade Média foi principalmente a Igreja quem



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

controlou o que os homens pensavam, faziam e diziam, na Idade Moderna esse papel foi sobretudo desempenhado pelo Estado, por meio dos campos político e jurídico com suas normas e leis. De modo análogo a essa reflexão, Michel Foucault postulou a passagem de uma “sociedade de soberania” para uma “sociedade disciplinar”: enquanto o poder soberano, fundamentado na religião, baseava-se no “sangue”, no nascimento e era caracterizado pelo “direito de vida e morte”, ou seja, o “direito de causar a morte ou de deixar viver”, o disciplinar, com base em normas e leis, consiste num poder que gera e gere a vida dos corpos pessoal e social. Seu aparentemente paradoxal surgimento, em meio à ascensão das Luzes, promoveu-se mediante a mobilização de instituições disciplinares como as escolas, as famílias, as fábricas, os hospitais, as prisões, que se instalam, sobretudo, a partir dos XVII e XVIII (Foucault, 1999, 131).

Na sociedade disciplinar, “o indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (‘você não está mais na sua família’), depois a caserna (‘você não está mais na escola’), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é meio de confinamento por excelência” (Deleuze, 2000, p. 219). Um pensamento semelhante é desenvolvido por Michel Pêcheux, em “Delimitações, Inversões, Deslocamentos” (1990), ao tratar dos distintos modos de se construir as divisões sociais no feudalismo medieval, de maneira explícita nos usos da língua e na arquitetura, por exemplo, a partir de preceitos religiosos, e no capitalismo republicano moderno, de modo bem mais sutil também na língua e nos espaços e prédios públicos, a partir de postulados legais.

Ainda que cada um o faça a sua maneira, ao tratar das diferenças grosso modo entre os períodos medieval e moderno, parece haver certo consenso entre Foucault, Pêcheux e Haroche, no que respeita ao papel predominante e proeminente desempenhado respectivamente pela religião e pelo Estado de direito. Na obra dos dois primeiros filósofos, há ainda uma consistente e estimulante reflexão sobre as especificidades das sociedades contemporâneas, entre as quais se destaca a força e o alcance da mídia. A partir de Foucault, Deleuze traça uma distinção entre as sociedades de soberania, disciplinares e de controle: “As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios;



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus.” (Deleuze, 2000, p. 223).

As formas das relações de força que hoje prevalecem tendem mais à abertura do controle contínuo e permanente que ao fechamento descontínuo das instituições disciplinares: “O que está sendo implantado, às cegas, são novos tipos de sanções, de educação, de tratamento. Os hospitais abertos, atendimentos a domicílio, etc.” (Deleuze, 2000, p. 216). Nessa sociedade de controle nunca se termina nada, pois uma de suas características é justamente o excesso ininterrupto dos fluxos aos quais estamos incessantemente expostos. Tendo a mídia como uma de suas principais instituições, o

controle é exercido principalmente pelo estímulo e pelo efêmero, sob a forma de lemas como: “Toda hora é hora/todo lugar é lugar para se informar/para aprender/para se divertir etc. etc.”. Assim, a mídia passou a usufruir um estatuto fundamental em nossos tempos, na medida em que se tornou um espaço privilegiado de produção e de circulação de discursos e, por extensão, de formação de opiniões, que efetivamente são posicionamentos ideológicos.

Esse controle exercido pela mídia, quando se trata de suas interpretações do que ocorre no campo político, foi primorosamente demonstrado por Pêcheux (1997) em sua análise da repercussão midiática da vitória de François Mitterrand nas eleições presidenciais francesas de 1981. Tal fato torna-se um “acontecimento jornalístico e de mass-media que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (o veredito das cifras, a evidência das tabelas) e profundamente opaco” (1997, p. 19-20). Os dizeres da mídia francesa fazem com que o acontecimento seja algo ubíquo e “inequivocamente” atribuem-lhe, a depender da posição ideológica assumida pelo veículo que o divulga, um sentido: “F. Mitterrand é eleito presidente da República Francesa”, “A esquerda leva a vitória eleitoral dos presidenciáveis” e “A coalização socialista-comunista se apodera da França” são enunciados “que remetem (Bedeutung) ao mesmo fato, mas eles não constroem as mesmas significações (Sinn)” (1997, p. 20).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Ao refletir sobre o modo como a mídia brasileira fala da política nacional, Piovezani (2003) afirma que a primeira outorga a si mesma uma condição “politizada” de porta-voz da sociedade civil, produzindo efeitos de legitimidade e credibilidade em seu próprio dizer. Desse modo

a conjunção entre a contemplação dicotomizada do campo político, sob a forma do par “ser/verdade X parecer/mentira-segredo”, e a aquisição fiduciária do poder simbólico político, proporciona à esfera midiática aduzir-se como agente (político) deslindador ou, antes, em função de sua suposta “politização”, como “porta-voz” daqueles que já alijados do poder (que, paradoxalmente, eles mesmos concederam), impossibilitados de agir efetivamente no espaço político, devem contentar-se com a mera assistência do desenrolar das ações ali empreendidas. Eis a política como teatro: de um lado, no palco, a atuação, a representação (no duplo sentido que ela aí comporta); de outro, na platéia, a passividade espectadora, ou, talvez, a circunscrição das ações no limite do aplauso ou da vaia; e, de repente..., ainda, a emergência de um terceiro agente que, do palco, movido aparentemente pelas injunções de um intransponível “princípio de realidade”, atribui-se o papel de revelar, ao público, cujo olhar detém-se tão-só à superfície, a não coincidência entre os efeitos de verossimilhança ali apresentados e a verdade que lhes subjaz. (2003, p. 58)

É justamente na esteira dessas reflexões e análises discursivas sobre as relações entre a mídia e a política, isto é, sobre certos discursos da mídia nacional e regional sobre a política brasileira, que propomos este trabalho. De modo mais preciso, nosso objetivo consiste na descrição e interpretação de enunciados midiáticos referentes aos resultados das eleições municipais de 2012 nas cidades de São Paulo e de São Carlos, com vistas a depreender os posicionamentos ideológicos dos veículos da mídia analisados, a produção de seus efeitos de sentido e os usos de recursos linguísticos, enunciativos e discursivos que buscam construir sua



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

legitimação. Fará ainda parte de nossos objetivos a averiguação de identidades e de diferenças entre o funcionamento da mídia de circulação nacional e o daquela de âmbito local.

Breve histórico, princípios, fundamentos, noções e conceitos da AD.

A Análise do discurso francesa emergiu no contexto do estruturalismo francês da segunda metade da década de 1960, fundada por Michel Pêcheux, que propôs a junção da Linguística e do Marxismo para uma prática de leitura não subjetiva. É uma disciplina que se fundamentou em distintos campos do saber, dentre eles Materialismo Histórico, Psicanálise e Linguística a fim de desvendar as ideologias do discurso político naquele conturbado período. O Materialismo Histórico foi responsável pela visão segmentada da sociedade capitalista, o que faziam e produziam os sujeitos era determinado pela classe social: os dominantes e os dominados. A Psicanálise evidenciou o inconsciente, o modo como o sujeito se relaciona consigo mesmo, com os outros que não é transparente e se constitui pelo equívoco. E a Linguística, o estudo das formas do dizer onde os discursos se materializam em formas da língua, tornando possível apreender através dessa

materialidade o modo como os sujeitos se inscrevem na História e onde as práticas sociais materializam as ideologias.

A história da AD se divide em três épocas. Na primeira fase os objetos eram os discursos mais estabilizados, o discurso político foi o foco e assim se pretendeu apreender as ideologias no discurso através de uma maquinaria discursiva. Pêcheux acreditava ser possível criar uma maquinaria que fosse capaz de fazer a Análise Automática do Discurso. Essa noção de maquinaria é resultante de uma “posição estruturalista pós- saussuriana e pode ser compreendida como um conjunto de discursos produzidos em um dado momento” (FERNANDES, 2005, p.81).

Na segunda fase os discursos menos estabilizados foram focados e a noção de Formação Discursiva (tomada de empréstimo de Foucault) foi muito importante para que a noção de maquinaria discursiva estrutural começasse a enfraquecer. Segundo Mussalim a FD “determina o que pode e deve ser dito a partir de um determinado lugar social (...) é marcada por regularidades, ou seja, por ‘regras de formação’ concebidas como mecanismos de



controle” (MUSSALIM, 2002, p.119). Nas FDs podem ser observadas relações de dominação na sociedade.

A desconstrução das maquinarias discursivas é a terceira fase da análise do discurso. Nesse momento as noções de homogeneidade nas condições de produção e estabilidade foram abandonadas para dar atenção ao interdiscurso, o sujeito clivado e a heterogeneidade enunciativa.

Desde então a AD passou por um conjunto de inflexões e de reformulações, provocando entre outros efeitos a ampliação da abrangência de seus objetos de análise. Segundo Malidier, a AD “convida à construção de objetos discursivos numa tríplice tensão entre a sistematicidade da língua, da historicidade e da interdiscursividade”, tendo como pressuposto a não transparência da linguagem e a não imanência do significado, pois os mesmos não são fixos, estão sempre em movimento (Malidier 2011, p. 12).

O discurso é o efeito de sentido entre locutores, que se relacionam dentro de determinadas circunstâncias, é onde se estabelece a relação entre a linguagem e a história. Segundo Foucault “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Desse modo é importante observar a constituição, a formulação e a circulação do discurso que estão sujeitas a certas condições de controle, pois discurso é poder. O sentido de uma palavra, expressão não existe em si mesmo, segundo Pêcheux é determinado por

proposições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas, não há imanência do significado, nem transparência na linguagem. O sentido é concebido historicamente. O sentido pode variar de acordo com determinadas condições de produção, pois estão sempre se movendo e são múltiplos.

Estudar o discurso propõe revelar como as relações sociais se materializam na língua, seja como alianças ou confrontos. “A classe dominante cria mecanismos para perpetuar e



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

reproduzir as condições materiais, ideológicas e políticas da exploração. Do ponto de vista do materialismo histórico, o discurso pode ser um desses mecanismos de materialização da ideologia decorrentes do modo de organização da sociedade; ou seja, o discurso pode manifestar a história dos modos de produção (a luta travada no interior de uma sociedade dividida entre dominantes e dominados), a história da reprodução / transformação dessa relação” (NAVARRO 2006, p. 74)

Os sujeitos falam de lugares sociais que constituem seus dizeres, há uma relação de forças e de poder que contribui com o que pode e deve ser dito. É na relação entre sujeitos, que falam de lugares sociais que os discursos se confrontam, batalham, revelando conflitos ideológicos inscritos na história. O sujeito tem a ilusão de ser a fonte de seu próprio dizer, mas ele não é a fonte do sentido, já que no jogo da linguagem o sujeito funciona pelo inconsciente e também pela ideologia. Para Possenti o sujeito não é de todo inconsciente, o sujeito não é nem totalmente livre, nem totalmente assujeitado. Segundo ORLANDI (2000). “o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (p. 120)

A noção de ideologia em AD foi influenciada pela concepção de Marx, Althusser e Ricoeur. Para Marx, a ideologia é um instrumento de dominação de classe, é ilusão, mascaramento da realidade. Para Althusser ela representa a relação imaginária de indivíduos com suas condições reais de existência, ela é validada pelos Aparelhos Ideológicos de Estado. Já para Ricoeur a ideologia possui a função de dominação da sociedade e de deformação da realidade. Na Análise do Discurso, a ideologia é compreendida como a impressão de um sentido literal, de um sentido que se pensa ser

único, é a naturalização dos sentidos que apagam a história e assim os sentidos são apropriados como naturais no intradiscurso, como se a linguagem fosse transparente e pudesse ser interpretada em uma determinada direção.

Dentro desse jogo de práticas discursivas o sujeito se utiliza da língua, para produzir sentido e se assujeita ao sistema linguístico, onde marca seu lugar e sua posição de sujeito. O



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

discurso se move e é atravessado por outros discursos, com os quais dialogam, se constitui da unidade na dispersão, pois apesar dos discursos estarem dispersos pelo tempo e pelo espaço, eles estão organizados por regras de aparição, onde marcam sua relação com outros discursos e as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito, já que “toda formação discursiva apresenta em seu interior a

presença de diferentes discursos, ao que, na análise do discurso, denomina-se interdiscurso. Trata-se conforme assinalamos de uma interdiscursividade”, está em relação paradoxal com seu exterior (FERNANDES, 2005, p. 82). O discurso se constitui pela contradição, pela unidade na dispersão, quando um discurso é proferido ele está em relação com outros discursos, o sentido do discurso se constrói na interação verbal, que é histórica e ideológica.

Segundo Orlandi (2001, p. 9) “Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes: 1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; 2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; e 3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e seguindo certas condições”. Todos esses processos se dão na relação do sujeito com a língua e com a história. O discurso se constitui entre o já dito e o não dito, pela paráfrase e a polissemia. Paráfrase é o “retorno constante a um mesmo espaço dizível” e polissemia “desloca o mesmo e aponta para a ruptura, para a criatividade: presença de relação homem-mundo, intromissão da prática na linguagem, conflito entre o produto, o institucionalizado, e o que tem de se instituir” (Orlandi, 1996, p. 137), ou seja, o discurso não é um produto pronto, é um processo de práticas que se institucionalizam na relação dos sujeitos com a língua e a história. Uma mesma palavra pode significar diferentemente dependendo do contexto onde é empregada e das condições de produção, que diz respeito aos sujeitos, a situação, ao contexto histórico e ideológico.

Análise

A partir da coleta e seleção do corpus demos início as análises das sequências discursivas. Antes de passarmos diretamente a elas, esboçamos abaixo algumas reflexões



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

sobre o discurso político na mídia impressa. Para melhor compreender o processo de apreensão do acontecimento político pela mídia impressa é necessário refletir sobre a política e o político para a sociedade. A política e o político detêm o poder das palavras assim como os jornais ,e a palavra é o elo que liga a política e a imprensa. As palavras carregam a legitimidade de quem as pronuncia, e usadas corretamente como táticas, produzem efeitos reais. O poder da mídia impressa e da política está em seu discurso. Qualquer pessoa, que tenha posse da palavra e que faça uso desta, mesmo que negue que seu discurso esteja engajado politicamente, está ocupando um lugar político e fazendo política.

A mídia impressa de nossa sociedade expõe seus leitores a uma gama de informações veiculadas em suas páginas diárias. Os jornais selecionam os assuntos políticos que virarão notícia e elaboram as matérias que entrarão em discussão no dia a dia dos leitores de jornal. Vale ressaltar que o que está em jogo não é apenas uma visão de mundo, mas o próprio mundo que se constrói por meio da seleção dos acontecimentos que virarão notícia. Como já afirmava Pêcheux (1983) que analisa o discurso, ao considerar tanto a sua estrutura quanto o acontecimento que lhe dá origem. Ele afirma que os enunciados:

F. Mitterand é eleito presidente da República Francesa;

A esquerda francesa leva a vitória eleitoral dos presidencialistas ou

A coalização socialista-comunista se apodera da França

não estão em relação parafrástica, ou seja, podem remeter ao mesmo fato histórico-discursivo, mas não constroem as mesmas significações sobre eles. Aí Pêcheux começa a analisar já a relação entre acontecimento e estrutura, visto que um mesmo acontecimento histórico pode dar origem a enunciados distintos, construindo acontecimentos discursivos distintos.

A imprensa representa o político e a política por meio de seu discurso. É bom lembrar que quem fala fala de algum lugar na sociedade e a imprensa ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer. Em nossa sociedade existe um grupo de indivíduos que se apodera dos discursos com a finalidade de retê-los, usá-los, redistribuídos e a mídia impressa faz parte desse grupo e seu



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

papel é controlar a distribuição dos discursos em nossa sociedade, pois esses discursos são acontecimentos que ganham visibilidade na materialidade dos jornais.

Ao analisar o discurso da mídia impressa, buscamos compreender não só como o texto produz sentido, mas para qual sociedade historicamente determinada produz sentido, visto que a mídia impressa, como detentora de poder, pode revelar a produção de sentido para um público determinado, direcionada para produzir ou reforçar suas ideias ideológicas que podem enaltecer ou desqualificar os sujeitos do acontecimento noticiado. “O texto não é ponto absoluto de partida nem ponto absoluto de chegada”. Portanto, ao analisar o texto impresso, não é sobre o texto que falaremos, mas sobre os discursos e com todas as suas implicações ideológicas. Porque de acordo com essa perspectiva discursiva, interpretar não é atribuir sentidos, mas “expor-se à opacidade do texto” (Orlandi, 1998, p. 16).

Conforme ocorre a cobertura jornalística da imprensa a determinados acontecimentos políticos, observa-se que a mídia impressa, com sua formação discursiva, sua formação ideológica e posições-sujeito, tem o poder de não só selecionar os acontecimentos políticos por meio das matérias que são noticiadas, mas também de atualizar os sentidos veiculados para atender a seus interesses e necessidades. A mídia impressa molda e constrói os efeitos de sentidos sobre o acontecimento político, no momento em que dá um tratamento especial à linguagem empregada para compor a notícia. A materialidade linguística passa por um processo de apagamento de marcas

formais de subjetivação.

A partir destas considerações, será possível identificar na dispersão dos textos midiáticos as regularidades discursivas em que se materializam os posicionamentos ideológicos dos veículos da mídia analisados e, por conseguinte, apreender o que esses discursos “determinam que se pode e se deve dizer” e os sentidos que eles produzem. Em suma, a polissemia constitutiva da linguagem é passível de ser interpretada a partir da identificação das paráfrases empreendidas pelo discurso em meio a relações sociais de força e de sentido (Orlandi, 2003). Ademais, buscaremos ainda, em consonância com a metodologia das cadeias parafrásticas, identificar os recursos linguísticos, enunciativos e discursivos



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

empregados nos textos sob análise, tais como as opções lexicais, a referenciação, as modalizações linguísticas, as modalidades enunciativas e a retomada de já-ditos do interdiscurso.

Em nosso artigo é preciso salientar e contextualizar o cenário político em que se insere as duas cidades aqui analisadas, no caso, São Paulo e São Carlos. Em São Paulo, Fernando Haddad (PT) é eleito o prefeito da cidade após oito anos sem nenhum candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) assumir esse cargo administrativo. Já em São Carlos, o cenário muda, Paulo Altomani (PSDB) é eleito prefeito de São Carlos depois de 12 anos em que a prefeitura era administrada por um candidato do PT.

Para efeito de análise, constará nesse artigo três das análises feitas durante o trabalho de conclusão de curso. As duas primeiras análises são referentes ao resultado na capital paulista, em que Fernando Haddad foi eleito prefeito da cidade. Os artigos jornalísticos que apresentaremos aqui foram retirados da revista Veja e do jornal Brasil de Fato. A terceira análise é referente ao resultado na cidade de São Carlos. Para essa análise, selecionamos a reportagem feita pela revista Kappa com o candidato eleito Paulo Altomani.

Veja

Nossa primeira análise será feita sobre a reportagem realizada pela revista Veja no dia 31 de Outubro de 2012, o terceiro dia após o segundo turno da capital paulista. A revista não faz, em sua capa, nenhuma menção ao assunto aqui analisado por nós. O tema “eleição” aparece num primeiro momento no índice da revista com o título “ Eleições O PT que emerge das urnas”. Ao analisarmos a reportagem, propriamente dita, nos salta aos olhos a imagem de fundo da fotografia, na qual aparece a presidente Dilma Rousseff, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e ao centro, Fernando Haddad (o candidato do PT nas eleições municipais de 2012) eleito no dia 28 de outubro de 2012 o prefeito de São Paulo. A reportagem intitula-se “ A VELHA RENOVAÇÃO”. Mediante as relações entre esse enunciado e os demais da mesma reportagem, identificamos que um de seus sentidos é a ênfase no “velho”, no que é supostamente novo, mas efetivamente obsoleto e prenhe de vícios antigos. O novo já bastante antigo está personificado principalmente na figura do ex-presidente Lula, mas também na da



atual presidenta Dilma Rousseff. Por essa razão, o então candidato eleito, Fernando Haddad representaria mais do mesmo; isto é, uma renovação de fachada. Assim, o enunciador, por meio de deslizamentos e remissões à memória discursiva, remete e ressignifica o slogan de Haddad, “São Paulo quer o NOVO”. Ao fazer uso do adjetivo “velha”, o enunciador nos leva a crer que quem vai assumir a prefeitura de São Paulo é mais ou menos direta ou indiretamente o ex- presidente, Luiz Inácio Lula da Silva ou ao menos seu ultrapassado *modus operandi* e não o candidato eleito Haddad. Tal efeito é particularmente marcante no seguinte enunciado:

“QUE MUDANÇA? *O cenário e o candidato são novos, mas os métodos do PT são os mesmos eternizados por Lula*”.

Com efeito, o enunciador constrói uma imagem negativa de Lula e do PT. Essa sequência sugere que o Partido dos Trabalhadores faz uso de métodos que vinham sendo usados em campanhas anteriores para eleger seus candidatos. Retoma-se aqui o acontecimento político em que Lula foi eleito presidente, seguido por Dilma, a atual presidente, e Haddad, o atual prefeito de São Paulo, todos membros do PT, que em tese reproduziram sua maneira de governar, sem aportar nada de novo e nenhuma transformação na sociedade.

O método utilizado pelo PT, mencionado nessa reportagem, diz respeito a contratação de marqueteiros famosos utilizados na campanha presidencial do ex- presidente Luis Inácio Lula da Silva, da atual presidente Dilma Rousseff e do atual prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, porém na sequência analisada, a palavra “método” passa uma ideia negativa, é como se o jornalista quisesse sugerir, implicitamente, que o Partido dos Trabalhadores faz uso de práticas desonestas para eleger seus candidatos.

Na sequência “ *O cenário e o candidato são novos*” é importante mencionar que o cenário é novo por conta do que estar em jogo na referida eleição, visto que o “gol” aqui é a prefeitura de São Paulo e não a presidência do país, como no caso de Lula e Dilma. E o candidato é novo, porque as eleições para prefeito de São Paulo de 2012, foi a primeiro cargo eletivo ao qual Haddad concorreu. A imagem de Haddad nas eleições foi de “novo” de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

renovação com relação a política tradicional da cidade de São Paulo, por isso um candidato que nunca disputou a um cargo eletivo, uma cara nova que não era comprometida com os arranjos tradicionais.

Brasil de Fato

“*A mídia ladra, Lula passa*” (publicado no dia 29 de outubro de 2012).

A reportagem feita pelo jornal Brasil de Fato sobre o resultado das eleições municipais de 2012, diverge das outras reportagens analisadas nessa pesquisa, pela forma como foi divulgado o resultado das urnas. A matéria não menciona o acontecimento político e nem o nome dos candidatos envolvidos na disputa eleitoral.

Com a chamada, “A mídia ladra, Lula passa” o jornalista ao fazer sua reportagem fez um resumo, por assim dizer, dos fatos mais discutidos e abordados pela mídia e pela população durante a campanha eleitoral. O jornalista ainda esclarece o que significou para o Partido dos Trabalhadores a vitória nas urnas na capital paulista e, claro, também buscou esclarecer o que significou para os membros do PSDB perder a disputa pela prefeitura de São Paulo.

“A oposição tucanada teve tudo que queria: julgamento do mensalão transmitido ao vivo, condenação de petistas, mídia no ataque 24 horas por dia, enfim, como o diabo gosta. Foi a lavagem da alma da elite. Nem por isso o resultado mudou. Como já dizíamos desde os tempos do mensalão em 2004, o povo tem razões pragmáticas para votar que a grande mídia parece não compreender.”

Com essa sequência, o jornalista explana os métodos utilizados pelos opositores de Lula. Evidencia as tentativas dos tucanos de mostrar uma imagem negativa dos petistas, o que necessariamente, reflete uma imagem negativa de Fernando Haddad, visto que a imagem deste está diretamente ligada a imagem de Lula. “Julgamento de mensalão” e “condenação de petistas”, são sentenças que nos leva a pensar em algo ilegal e ao relacionar isso a um dos candidatos ou a algum membro de partido ao qual esse candidato pertence, automaticamente



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

projetamos no candidato, no caso aqui, Haddad a mesma imagem, ou seja, ele foi julgado e condenado por algo ilegal, então como pode um eleitor votar/confiar nesse candidato. O jornalista aponta para o fato de que mesmo com a mídia atacando os petistas 24 horas por dia, eles não lograram seu objetivo, denegrir a imagem de Lula e do PT.

“Hoje, eleição é um jogo de mídia despolitizada e o PT, vencedor eleitoralmente, é completamente desfigurado em termos de suas propostas originais. Alimenta-se da satisfação popular, que vai perdurar enquanto a sensação de melhora do povo perdurar. É o que nos restou dos sonhos de uma nova política em um novo país.”

Lula é visto como a grande base ética e política, na qual é projetada a imagem de Haddad, candidato eleito. A imagem construída pelo ex-presidente é tão forte que por mais que a oposição tente, eles são vão conseguir fortalecer ainda mais essa imagem, prova disso é que o PT/Lula não só foi vitorioso na maior capital do país, como também em outros municípios “ Tanto é que o partido aumentou em aproximadamente municípios o seu número de prefeitos”.

Kappa

Kappa é uma revista de distribuição gratuita e com tiragem quinzenal na cidade de São Carlos. A revista em sua capa, não traz nenhuma menção sobre o assunto aqui abordado. No sumário da revista encontramos uma primeira referência as eleições, uma foto dos atuais prefeito e vice-prefeito de São Carlos, seguindo da chamada “ELEIÇÕES, o novo prefeito, Paulo Altomani, dá entrevista exclusiva à Kappa e fala sobre o futuro da cidade.”

A primeira página da matéria é uma foto do atual prefeito. Altomani aparece numa pose discreta com um sorriso sereno e vestindo uma camisa azul. A imagem produzida do prefeito nessa foto junto com a chamada da matéria “ Um prefeito conciliador”, já avisa/prepara o leitor para o que se segue, ou seja, uma entrevista que passa uma imagem positiva do prefeito. Toda a matéria, a foto serena, a manchete, as perguntas “suaves” e de cunho engradecedor, as repostas que, necessariamente, tem um teor positivo, a breve, mas



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

porém precisa/positiva descrição que o jornalista faz do atual prefeito logo no começo da entrevista, todos esses pontos se juntam e projetam uma imagem enaltecida de Paulo Altomani.

Foram feitas onze perguntas ao prefeito, perguntas que não causam constrangimento ao entrevistado e que pedem respostas claras e positivas. Uma das perguntas do entrevistador foi: “ Você que ser um prefeito conciliador?”. O entrevistado deu a seguinte resposta: “ Sim. Nós temos que ter a presença do governo federal e do estado e não fugir da nossa responsabilidade municipal,...”. Em que situação ou momento um prefeito responderia essa pergunta com um “não”, ou demoraria para responder a pergunta. E assim como essa foram feitas várias perguntas seguindo o mesmo modelo.

Considerações finais

Optamos em nosso trabalho por fazer um análise individual de cada veículo midiático aqui selecionada, como explicado ao longo do trabalho, contudo não podemos deixar de explicitar que cada uma das cidades aqui mencionada tem uma repercussão midiática própria. São Carlos teve sua disputa eleitoral resolvida ainda no primeiro turno, pois trata-se de uma cidade com menos de 200 mil eleitores. Em nossas análises, buscamos entender os sentidos empregados pelos veículos midiáticos selecionados ao analisarmos individualmente, mas também ao analisarmos em um todo que representa essa divulgação midiática regional. Na capital paulista, o resultado das urnas foi decidido no segundo turno e a repercussão do resultado teve um alcance nacional, visto sua divulgação pela grande mídia.

A partir dos enunciados analisados e da relação estabelecida entre eles, considerando suas condições de produção e as posições discursivas assumidas por seus enunciadores, podemos concluir de que a forma a mídia divulgou os resultados das eleições municipais de 2012, mostrando como cada jornalista se posicionou diante do contexto político. Tais posicionamentos são marcados pelos efeitos de sentido empregados por cada veículo midiático em seus respectivos artigos. Além disso, ao fazer uso da palavra de cada jornalista, este trabalho explicitou os ideais a que cada um fundamenta sua ideologia. Diante do que foi



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

exposto, fica claro a relação que cada um tem com a díade esquerda/direita, pois foi essa relação que direcionou o seu discurso.

Fica claro com as análises que o foco em cada reportagem analisada, direta ou indiretamente, está em Lula e no PT. Obvio, que sendo a capital paulista o maior colégio eleitoral vamos ter um foco/meta mas visível em São Paulo, dado que estar em jogo a prefeitura da maior cidade brasileira. Não estamos com isso dizendo que o foco em São Carlos foi diferente, mas como se trata de uma cidade com menos de 200 mil eleitores a disputa foi resolvida ainda no primeiro turno. Em São Paulo ficou mais nítido que a atenção estava em Lula, quem ganhava ou perdia era o ex-presidente e não o candidato eleito Fernando Haddad. Já em São Carlos foi focado mais no PT, que está ligado diretamente a Lula de alguma forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. [384 a.C. - 322 a.C.]. *Arte retórica e Arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, sd.
- CHARAUDEAU, P. *O discurso político: as máscaras do poder*. São Paulo: Contexto, 2006a.
- CHARAUDEAU, O. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006b.
- COURTINE, J-J. [1990] *Os deslizamentos do espetáculo político*. In:
- GREGOLIN, M. R. V. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 2000.
- GADET, F.; HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MOREL, Francisco Rocha. *O anúncio da notícia: contribuição para uma retórica do discurso jornalístico*. Tese de mestrado. Revista Online Idade Mídia, vol.1, n. 1, 2002. Disponível em www.fiamfaam.br/comunicação

NAVARRO, P. (org.) *Estudos do texto e do discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5a. Ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. [1983] *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso - Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.

PIOVEZANI, C. *Política Midiatizada e Mídia Politizada: fronteiras mitigadas na Pós-Modernidade*. In: GREGOLIN, M. R. V. (org). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 49-64.

PIOVEZANI, C. *Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PIOVEZANI, C. *Usos e sentidos da voz no discurso político eleitoral brasileiro*. Alfa. Araraquara/São José do Rio Preto. n. 55, vol. 1, p. 163-176, 2011.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.